

A SOLIDÃO DO HOMEM E A LINGUAGEM

(ALFREDO AUGUSTO BECKER)

Nenhuma pessoa deixou de experimentar os três estágios. Cada Este ensaio se divide em três partes. Na primeira - A Solidão do Homem - o indivíduo humano toma consciência de sua solidão. Na segunda - A Linguagem - demonstrar-se-á que o único veículo capaz de permitir ao homem emigrar de sua ilha de solidão é a linguagem. Na terceira - A Conversação Universal - compreender-se-á que aquilo que transforma o caos em cosmos é a conversação e que a linguagem é o genuíno repositório de toda a sabedoria da humanidade que se foi acumulando, geração após geração, desde o primeiro homem.

Outros inclinam-se pelo cair na solidão. Outros inclinam-se pelo cair na solidão. I - A SOLIDÃO DO HOMEM

Adverte - ROMANO GUARDINI - que em nossa época o homem voltou a ser um enigma. A pretensão de conhecer o homem, hoje, está muito enfraquecida e em consequência desapareceu a segurança e a estreiteza que daquela pretensão resultava quando se costumava abordar as coisas humanas. seria incognoscível ou incerto (2). O exemplo mais notável é "Sem que o confessasse - diz ROMANO GUARDINI - o homem pressentira durante o século XIX que a sua relação consigo próprio podia ser diferente da proposta pela crença oficial. Essa convicção afirma-se hoje abertamente. O homem tomou consciência de ser diverso do que pensava; sabe que é um desconhecido para si próprio e o objeto da sua própria tarefa. O cume do humano projeta-se de novo na escuridão e no futuro. No fundo, tenta-se verificar uma idéia: a de que o homem não é uma realidade opaca fechada sobre si mesmo ou auto-suficiência, nem uma forma dotada de um desenvolvimento autônomo, mas existe essencialmente em vista dum encontro " (1).

O homem passa tóda a sua vida, optando entre uma das três seguintes atitudes: estar em solidão; cair em solidão; fugir da solidão.

Nenhum homem deixou de experimentar os três estágios. Cada ser humano vive, continuamente, a alternar sua posição no tríptico. O que varia de indivíduo para indivíduo - conferindo-lhe sua personalidade - é o ritmo com que muda de estágio e o tempo de permanência no estar, no cair e no fugir da solidão.

Porém, o que confere a natureza humana ao homem? O estar em solidão? O cair em solidão? O fugir da solidão?

Uns concluem pelo primeiro estágio: os homens são solidões justapostas. Outros inclinam-se pelo cair em solidão. E, finalmente, há os que definem o Eu pela fuga à solidão.

Aquêles que concluem que o homem é "um estar em solidão" professam a filosofia solipsista que é aquela espécie de idealismo que nada mais reconhece como certo que o ato de pensar e o próprio sujeito que pensa. Tudo o mais seria incognoscível ou incerto (2). O exemplo mais notável desta posição filosófica é DESCARTES cujo intelecto genial exerceu influência decisiva, durante séculos, nas gerações que o sucederam.

No estágio intermediário (cair em solidão) do tríptico da solidude residem aquêles que perderam a esperança porque abandonaram a luta ou porque nunca se revoltaram, mas repousavam nas circunstância. Esta atitude mental foi descrita admiravelmente por ALBERT CAMUS no seu conto "Jonas ou l'Artiste au Travail" (3).

Felizmente, existem aquêles que definem o Eu pela fu-

ga à solidão. Dentre estes, ORTEGA y GASSET, já em 1914 em suas "Meditaciones del Quijote", reage exclamando: "Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo" (4).

O conceito de "circunstância" é um dos fundamentais na filosofia de ORTEGA y GASSET. A sua conceituação "Yo soy yo y mi circunstancia" não deve ser tomada apenas no sentido geográfico-biológico e nem no sentido de contraposição ao Não-Eu, mas sim no sentido de integração com a circunstância mediante a relação do Eu com os Outros (5).

O "cogito" cartesiano, em três séculos, sofreu metamorfose surpreendente.

Em 1637, DESCARTES estruturou a humanidade com o seu: "Eu penso, logo eu sou". E os homens, assim estruturados, organizaram-se segundo solidões geométricamente justapostas. Com razão JULIÁN MARIAS afirma que o homem cartesiano está prêso a sua consciência, encerrado em seu Eu pensante, sem poder dar um passo que o leve às coisas (6).

Em 1951, ALBERT CAMUS, apoiado na história e na ciência, obtem a mais feliz formulação do novo-cogito: "Eu me revolto, logo nós somos" (7). Note-se que neste conceito não há apenas ódio, mas ódio e amor. Não é possível existir ódio sem amor. O amor é o correlativo do ódio. Eu amo a Verdade e a Justiça é o mesmo que dizer eu odêio o Falso e o Injusto.

Na primeira parte ("Eu me revolto..."), o Eu toma consciência da circunstância. Na segunda parte ("...logo nós somos"), o Eu entra em relação com os Outros. O Eu não se sente mais Eu, mas Nós. É a solidariedade humana. Amor ao próximo como a nós mesmos.

Em sua " Introdução à Filosofia da Ciência ", LEÓNIDAS HEGENBERG observa que o homem, como animal, está cercado pelas coisas. Está numa circunstância. Entretanto, enquanto o animal se submete à Natureza, o homem apreendeu a distinguir na circunstância aquilo que lhe é prejudicial, daquilo que lhe é útil. Aprendeu a usar as coisas ou para adaptar-se à circunstância ou para modificá-la. O estar na circunstância é um estar e contar com uma interpretação da circunstância. Esta interpretação no decorrer da vida torna-se dúbia e insegura ou porque o seu intérprete mudou ou porque a própria circunstância se modificou. Nesse momento, a interpretação converte-se em perplexidade e dúvida. Então, quando o homem entra nesta fase da dúvida e da insegurança -conclui LEÓNIDAS HEGENBERG - é que ele começa a pensar (8).

O homem de cabeça clara - diz ORTEGA y GASSET - " mira de frente la vida, y se hace cargo de que todo en ella es problemático, y se siente perdido. Como esto es la pura verdad - a saber, que vivir es sentirse perdido -, el que lo acepta ya ha empezado a encontrarse, ya ha comenzado a descubrir sua auténtica realidad, ya está en lo firme. Instintivamente, lo mismo que el náufrago buscará algo a que agarrarse, y essa mirada trágica peremptória, absolutamente veraz porque se trata de salvarse, le hará ordenar el caos de su vida. Estas son las únicas ideas verdaderas: las ideas de los náufragos. Lo demás es retórica, postura, íntima farsa. El que no se siente de verdad perdido se pierde inexorablemente; es decir, no se encuentra jamás, no topa nunca con la propia realidad " (9).

" El que descubre una nueva verdad científica tuvo antes que triturar casi todo lo que había aprendido y llega a era nueva verdad con las manos sangrientas por haber yugulado innumerables lugares comunes " (10).

Em conclusão: quando o homem toma consciência de que é um náufrago na circunstância, êle começa (ou volta) a pensar.

O pensamento conduz o homem à revolta. E precisamente quando se revolta é que o caos se altera e o homem constrói um mundo. Tudo o mais é retórica, pública, impostura, íntima farsa.

A gênese da natureza humana do homem pode ser assim formulada:

No princípio, o homem era a coisa.

Depois a coisa pensou, mas continuou ainda coisa (DESCARTES: "Je ne suis qu'une chose qui pense").

Finalmente, a coisa pensante se revolta: então, ela se converte em partícipe da humanidade: "Eu me revolto, logo Nós somos".

A minha própria observação das pessoas, animais e coisas, conduziu-me a esta conclusão: o homem em solidão é coisa. Por isso, quando em solidão absoluta, suicida-se para tornar-se absolutamente coisa. O homem existe (como indivíduo humano) enquanto e na medida de suas relações de amor e ódio.

E a linguagem é o único veículo que permite ao homem fugir da ilha da solidão. O que transforma o caos em cosmos - na demonstração agudíssima de VILÉM FLUSSER - é a possibilidade da conversação, é o vem e vai da língua" (11). Isto, a seguir, se demonstra.

Estimado leitor, se você teve a paciência de chegar até aqui na leitura deste ensaio, não se deve agora esquecer. A análise da fenomenologia da linguagem humana po-

II - A LINGUAGEM

Há um século e meio (1819) LAMENNAIS advertiu: " Já não se lê; já não há mais tempo para isso. O espírito é solicitado, simultaneamente, de todos os lados; onde ele passa é necessário falar-lhe depressa. Mas há coisas que não podem ser ditas, nem compreendidas, tão depressa e estas coisas são precisamente as mais importantes para o homem. Esta aceleração de movimento que nada permite relacionar, que não deixa meditar, bastaria, só por si, para enfraquecer e, a longo prazo, destruir inteiramente a razão humana " (12).

Em 1819, a advertência de LAMENNAIS passou despercebida. Porém, hoje, ela sãa como a terrível profecia dos efeitos da obra prima da estupidez humana: a televisão.

Evite - leitor amigo - aquela atitude de méro espectador, passivo e preguiçoso, diante das circunstâncias e que é a atitude da maior parte das pessoas conforme acusa e demonstra ERICH FROMM na sua " Psicanálise da Sociedade Contemporânea " (13).

" A possibilidade do emprêgo da palavra concluiu ROMANO GUARDINI - não se funda apenas em o homem possuir o dom da fala e em as coisas, por seu turno, constituírem formas intencionais objectivas que podem ser reveladas graças à palavra; reside também na própria natureza verbal do mundo; vem de que o mundo emerge de um falar e subsiste no modo de uma palavra expressa. Se assim não fosse, a linguagem humana não poderia ser acolhida pelo universo. As palavras errariam nele como fantasmas. " (14)

Estimado leitor, se Você teve a paciência de prosseguir até aqui na leitura dêste ensaio, não a deve agora suspender. A análise da fenomenologia da linguagem humana po-

derá lhe parecer abstrata, complexa e árida. Entretanto, não abandone a leitura. Leia devagar e refletidamente, de modo a assimilar o encadeamento das agudíssimas observações científicas de VILÉM FLUSSER adiante transcritas. Se assim o fizer, perceberá que, depois de as lêr, algo de espontâneo e produtivo e absolutamente novo terá acontecido dentro de sua própria atitude mental. A sua circunstância não será mais a mesma. O Eu (de Você, caro leitor) terá feito a descoberta dos Outros e a sua relação existencial, gradualmente, (às vezes, de súbito) intensificará o ritmo e enriquecerá o conteúdo. Então, no curso dos dias e dos anos, começará a perceber que os momentos de plenitude acontecem com frequência progressiva e sem o artifício da mescalina.

Em seu livro "Língua e Realidade", VILÉM FLUSSER analisa a fenomenologia da linguagem humana. Logo adiante, farei a transcrição de vários trechos daquele livro e que darão ao leitor uma idéia clara e concisa da hipótese desenvolvida por VILÉM FLUSSER. As suas proposições são perfeitamente científicas pois se revestem dos atributos da cientificidade.

Os atributos da cientificidade (conforme muito bem nos demonstra LEONIDAS HEGENBERG) são: A objetividade do pensamento. A adequação da hipótese à realidade. A refutabilidade da hipótese (isto não significa que a hipótese seja dúbia, nem que seja provável a sua refutação, mas sim que a hipótese admite a possibilidade de ser refutada precisamente por ser uma hipótese testável). Outros atributos são: A consistência da hipótese (não conter proposições contraditórias). A sua compatibilidade com outras in formações científicas (15).

Eis as transcrições do livro de VILÉM FLUSSER:

" Devemos a grande maioria dos dados dos quais dispo-

dos consiste em palavras ouvidas ou lidas. A grande maioria daquilo que forma e informa o nosso intellecto, a grande maioria das informações ao nosso dispôr, consiste em palavras. Aquilo com que contamos, o que compilamos e comparamos, e o que computamos, enfim, a matéria-prima do nosso pensamento, consiste, em sua maioria, de palavras. "Palavras in statu nascendi", é o estado da língua possivelmente a única. Além de palavras, os sentidos fornecem outros dados. Estes se distinguem das palavras qualitativamente. São dados inarticulados, isto é, imediatos. Para serem computados, precisam ser articulados, isto é, transformados em palavras. Há, portanto, aparentemente, uma instância entre sentido e intellecto, que transforma dado em palavra. O intellecto "sensu stricto" é uma tecelagem que usa palavras como fios. O intellecto "sensu lato" tem uma ante-sala na qual funciona uma fiação que transforma algodão bruto (dados dos sentidos) em fios (palavras). A maioria da matéria-prima, porém, já vem em forma de fios. "Palavras in statu nascendi", é o estado da língua possivelmente a única. Se definimos "realidade" como "conjunto dos dados", podemos dizer que vivemos em realidade dupla: na realidade das palavras e na realidade dos dados "brutos" ou "imediatos". Como os dados "brutos" alcançam o intellecto propriamente dito em forma de palavras, podemos ainda dizer que a realidade consiste de palavras e de palavras "in statu nascendi". Com esta afirmativa teremos assumido uma posição ontológica. O presente trabalho é uma tentativa de verificar até onde essa posição poderá ser mantida. "Palavras in statu nascendi", é o estado da língua possivelmente a única. As palavras que chegam até nós através dos sentidos vêm organizadas. São agrupadas em obediência a regras preestabelecidas, formando frases. Quando percebemos as palavras, percebemos uma realidade ordenada, um cosmos. O conjunto de frases percebidas e perceptíveis chamamos de "língua". A língua é o conjunto de todas as palavras percebidas e perceptíveis, quando ligadas entre si de acôrdo com

regras pre-estabelecidas. Palavras soltas, ou palavras amontoadas sem regra, o balbuciar e a "salada de palavras" formam a borda, a margem da língua. São os extremos caóticos do cosmos da língua. O estudo da língua tal como é percebida equivale à pesquisa de um cosmos. Dada a nossa definição da realidade como conjunto de palavras e de palavras "in statu nascendi", é o estudo da língua possivelmente a única pesquisa legítima do único cosmos concebível. "

" Os elementos do cosmos da língua são as palavras. Correspondem aos átomos dentro do cosmos democritiano, ou às mônadas dentro do cosmos leibnitziano. São percebidas como aglomerados de sons (quando ouvidas) ou de formas (quando lidas). São, portanto, divisíveis, tal como os átomos da física. Além de percebidas, são as palavras apreendidas. Como tais, são indivisíveis. " (16).

" O intelecto, com sua infra-estrutura, os sentidos, e sua superestrutura, o espírito (ou qualquer outra palavra) formam o Eu. O Eu é, portanto, uma árvore, cujas raízes, os sentidos, estão ancoradas no chão da realidade, cujo tronco, o intelecto, transporta a seiva colhida pelas raízes, transformada até a copa, o espírito, para produzir folhas, flores e frutos. Tal qual a árvore consiste inteiramente de seiva modificada, não passando, do ponto de vista da seiva, de um canal através do qual a seiva evapora do chão em direção à nuvem, também o Eu é inteiramente feito da realidade colhida pelos sentidos, não passando de um canal através do qual a realidade se derrama em direção ao futuro. Todavia sabemos que a árvore é algo mais que seiva. "

" A realidade, dentro da qual as raízes do Eu, os sentidos, chupam avidamente, transforma-se, ao chegar ao tronco, ao intelecto, em palavras. Nesta transformação, neste salto abrupto e primordial, neste "Ursprung", reside o milagre e o segredo da origem do Eu. Há um abismo intranspo-

nível ao intelecto entre o dado bruto e a palavra. Ele po-
de mergulhar introspectivamente dentro das suas próprias
profundezas na ânsia de alcançar as raízes; entretanto, lá
onde acaba (ou começa) a palavra, êle pára. Ele sabe dos
sentidos e dos dados brutos que colhem, mas sabe dêles em
forma de palavras. Quando estende a mão para apreendê-los,
transformam-se em palavras. " (17).

" Em face do dado bruto, inalcançável, mas íntimamen-
te próximo, o intelecto se precipita sôbre uma palavra ,
êle articula. Em face da palavra, êle compreende e toma
contato imediato, êle conversa. Já que o intelecto só con-
siste de palavras, e nada conhece, a não ser palavras, co-
mo pois distinguir, na porta de entrada, dados brutos de
palavras feitas ? A distinção é feita à base de um crité-
rio estético: os dados brutos são formados como pasta caó-
tica, as palavras vêm organizadas em frases. Os dados bru-
tos vêm, por exemplo, na forma das seguintes palavras:

" dói, duro, marrom, quatro pernas, igual a: bati contra
a mesa ". As palavras feitas, chegando já organizadas, são
prova e única prova aceitável intelectualmente, da existên-
cia de outros intelectos. Se os sentidos não fornecessem
ao intelecto palavras organizadas em frases, êle estaria
condenado ao caos solipsista. O que transforma o caos em
cosmos é a possibilidade de conversação, é o vem e o vai
da língua. " (18).

" E' este o significado ontológico da expressão de ho-
mem como " zoon politikon ". A sociedade é real como con-
versação, e o homem é real como intelecto participando des-
sa conversação. Neste sentido, podemos dizer que a socie-
dade é a base da realidade, e que o homem é real sômente
como membro da sociedade. No entanto, nesta perspectiva ,
a língua se revela como sendo a essência, (e não o instru-
mento) da sociedade " (19).

Parte III - A CONVERSACÃO UNIVERSAL

O tigre que morre hoje tem a mesma idade daquêles que morreu a cinco mil anos atrás, porque os tigres só sabem acumular as próprias vivências. Porém, o mesmo não ocorre com os homens. Estes são todos - em maior ou menor grau - antropófagos. Alimentam-se das vivências dos coevos e também e principalmente das vivências de tôdas as gerações anteriores (20).

Além disso, nos últimos trinta anos (em virtude do progresso da medicina na conservação da vida humana) as três gerações coevas passaram a ser quatro gerações a atuarem, simultaneamente, no momento histórico. Esta circunstância aumentou de modo extraordinário as recíprocas permutas de vivências entre as quatro gerações contemporâneas (em síntese: antropofagia por osmose segundo o regime dos vasos comunicantes). De modo que, hoje, os jovens amadurecem com vertiginosa rapidez e os amadurecidos tardam a envelhecer e, muitas vezes, morrem sem que o seu intelecto tenha envelhecido (21).

" A língua, tal qual a somos, tal qual ela se derramou até nós para formar-nos, é o acúmulo de tôda a sabedoria, de todo o esforço criador, de tôdas as vitórias e de tôdas as derrotas dos intelectos que nos precederam. Todos os nossos pensamentos, dos quais nos compomos, carregam a marca de nossos antecessores, tanto em seus conceitos (palavras) como em sua estrutura " (22).

" O clima que prevalece na camada da conversação é de intelectos realizados pelo contato com outros. Os intelectos são abertos uns para os outros, são reais não por estarem aqui (Dasein), mas por estarem juntos (Mitsein). Os intelectos absorvem informações emitidas por outros, isto é, aprendem e compreendem, e emitem informações novas,

isto é, articulam. Para falarmos existencialmente, os intelectos transformam as informações que lhes são coisas em informações que lhes serão instrumentos; neste trabalho produtivo deixam de ser determinados (bedingt), para torna-rem-se livres (bezeugt). A liberdade do intelecto, na camada da conversação, reside em sua transformação de frases em novas informações a serem transmitidas " (23).

(13) E, agora, reflita o leitor sobre o que está resultando da presente conversação do seu intelecto com o meu e com todos os demais intelectos que participaram deste diálogo.

B I B L I O G R A F I A

- (1) ROMANO GUARDINI: " O Mundo e a Pessoa ", São Paulo 1963, pgs. 9-11 (tradução da edição alemã: " Welt und Person ", 1952 Würzburg).
- (2) JOSEF SANTELER (professor em Innsbruck), no verbete " solipsismo " do " Dicionário de Filosofia " organizado por Walter Brugger e outros colaboradores, edição São Paulo 1962, tradução da 6ª edição/1957 do " Philosophisches Wörterbuch ".
- (3) ALBERT CAMUS: " L'Exil et le Royaume ", Paris 1957.
- (4) ORTEGA y GASSET: " Meditaciones del Quijote " (1914), in " Obras Completas ", Madrid 1957, vol. I, pg. 311 sgs. O texto transcrito encontra-se à pg. 322.
- (5) Neste sentido, ver JULIÁN MARÍAS: " Ortega " vol. I (Circunstancia y Vocacion), Madrid 1960, pgs. 357, 377-389; 408-410.
- (6) JULIÁN MARÍAS: " História de la Filosofia ", 10ª edição Madrid 1958, pgs. 211-213.
- (7) ALBERT CAMUS: " L'Homme Révolte ", Paris 1951.
- (8) LEONIDAS HEGENBERG: " Introdução à Filosofia da Ciência ", São Paulo 1965, pgs. 3-4.
- (9) ORTEGA y GASSET: " La Rebelión de las Masas ", in " Obras Completas ", 4ª ed. Madrid 1957, vol. IV, pg. 254.

- (10) ORTEGA y GASSET: " La Rebelión de las Masas ", in " Obras Completas ", 4ª ed. Madrid 1957, vol. IV, pg. 255.
- (11) VILÉM FLUSSER: " Língua e Realidade ", São Paulo 1963, pg. 32.
- (12) LAMENNAIS: " Mélanges Religieux et Philosophiques ", 1819, apud René Huyghe, " Dialogue avec le Visible "; Paris 1955, pg. 53.
- (13) ERICH FROMM: " Psicanálise da Sociedade Contemporânea ", Rio 1965, pgs. 138-139.
- (14) ROMANO GUARDINI: " O Mundo e a Pessoa ", São Paulo 1963, pg. 180 (tradução da edição alemã: " Welt und Person ", 1952 Würzburg).
- (15) LEONIDAS HEGENBERG: " Introdução à Filosofia da Ciência ", São Paulo 1965, pgs. 10-17.
- (16) VILÉM FLUSSER: " Língua e Realidade ", São Paulo 1963, pgs. 22-24.
- (17) VILÉM FLUSSER: op. cit., pgs. 30-31.
- (18) VILÉM FLUSSER: op. cit., pg. 32.
- (19) VILÉM FLUSSER: op. cit., pag. 36.
- (20) No mesmo sentido: ORTEGA y GASSET, " La Rebelión de las Masas ", in " Obras Completas ", Madrid 1957, tomo IV, pg. 136.
- (21) Em sentido análogo: JULIÁN MARÍAS, " Las Edades y la Convivencia ", no seu livro " Los Españoles ", Madrid 1962, pgs. 281 e sgs.
- (22) VILÉM FLUSSER: " Língua e Realidade ", São Paulo 1963, pgs. 214-215.
- (23) VILÉM FLUSSER: op. cit., pgs. 151-152.

Pôrto Alegre, 28 de agosto de 1965

Belmiro Augusto Buehly